Ano VI — Lisboa, Dezembro de 1950 — N.º 68

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

NATAL!

MENSAGEM DE BOA VONTADE

Na quietude de uma noite serena, quando a natureza, perante o recolhimento dos homens, manifesta a sua beleza mais discreta, enchendo o espaço de suaves aromas e de melodias de amor, parecendo que as flores mais simples e os insectos mais pequenos se unem para tributar ao supremo Autor da Vida o louvor que os homens lhe recusam; nesse ambiente tranquilo uns pastores vigiam os seus rebanhos numa montanha da Judeia. Nisto, a penumbra nocturna é penetrada por um resplendor raro e um varão celestial anuncia nova de grande alegria: na vizinha cidade de Belém, nasceu o Messias, o Salvador.

Simultâneamente, os pastores escutam, surpresos, harmoniosos cânticos angelicais e arautos proclamando: — *Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens.* E as testemunhas privilegiadas de tão extraordinária revelação, correm à cidade e encontram o Menino recolhido num dos lugares mais modestos da humilde cidade de Belém — um estábulo — única porta que se abriu para abrigar o Príncipe da Paz no momento do seu ingresso no Mundo. E os pastores, maravilhados, proclamam a Boa Nova anunciada pelos anjos, e através dos séculos, a mensagem do Natal vem sendo repetida como fórmula de redenção e caminho para que os homens possam ter paz sob o império da Boa Vontade.

Apesar disso, porém, o mundo não tem paz. Assim como em Belém se fecharam as portas para receber o Messias, assim se tem cerrado o coração dos homens à mensagem do Natal. Enquanto isso sucede, a guerra, contida a custo pela barreira do medo, irrompe aqui e além, revelando a potência oculta, ensaiando violências e dando aos homens contínuas visões do seu horror. Dos esforços para instaurar a paz, resulta mais confusão ainda; surgem novos motivos de discórdia, outras fontes de atrito. Os homens falam em paz, mas preparam a guerra; e as suas palavras perdem o sentido porque as acções que enunciam não correspondem mais aos princípios que expressam.

O Egoísmo não tem permitido que os homens levantem a cabeça dos seus interesses para dar glória a Deus e ter paz na terra. É que o Egoísmo, a Ambição, o Ódio são sentimentos divergentes que afastam os homens do seu Criador e os separam entre si, conduzindo à guerra. A Amizade, a Generosidade, a Tolerância, a Boa Vontade, são sentimentos convergentes, só conduzem à Paz. Precisamos de implantar no mundo um ambiente de compreensão, onde os interesses pessoais sejam colocados em plano inferior, dando lugar, oferecendo a primazia a tudo aquilo que possa fazer convergir os homens. Se tal fizermos, no centro dessa manifestação de Boa Vontade encontraremos Deus e no sossego dessa alvorada de harmonia escutaremos a mensagem do Natal — *Glória a Deus nas alturas, paz na terra e boa vontade para com os homens.*

O nascimento de Jesus, que novamente festejamos, é o maior exemplo de Boa Vontade oferecido por Deus à humanidade. Compete-nos corresponder à Boa Vontade divina deixando penetrar nos nossos corações a Boa Nova anunciada aos pastores, aceitando a oferta de Resgate e fomentando na Terra um espírito de igual boa disposição, que presida à mudança de atitude entre os povos e marque o início de uma nova era de paz e tranquilidade, de justiça social, onde os poderosos — sejam homens ou nações — não explorem nem oprimam os mais fracos, mas procurem ser generosos e «auxiliá-los em todas as circunstâncias».

Sejam os Escoteiros — de todos os escalões, novos e velhos, actuais ou antigos, modestos ou sábios — os paladinos da Boa Vontade na Terra, erguendo o estandarte da Amizade e convidando os seus companheiros de todos os sectores, de todas as raças, crenças e nações, a usar de toda a sua boa decisão para que ele se mantenha bem erguido e amparado num esforço unânime e convergente.

E, neste Natal de 1950, levantemos unísono o nosso louvor ao Altíssimo pelo nascimento do nosso bendito Salvador, dando Glória a Deus, suplicando a Paz e afirmando a nossa Boa Vontade para com todos os homens.

O "Sempre Pronto" deseja a todos os seus amigos e assinantes um Natal feliz.

ESCOTISMO NOS AÇORES

Grupo n.º 52 — Angra do Heroísmo

Interessante reportagem de uma viagem à Ilha do Pico

Antecedentes

De há muito que o actual Chefe do Grupo 52 dos Escoteiros de Portugal acalentava a ideia de subir a Montanha do Pico, e, assim que meteu ombros à reorganização do 52, logo pensou em realizar tal aventura na companhia de escoteiros do Grupo, reunindo o útil ao agradável.

Após a prestação do Compromisso de Honra de 7 novos aspirantes, na noite de 11 de Agosto, em que todos os escoteiros se far-



O Chefe do Grupo 52, ladeado pelos dois guias E. R. Ramiro Alves e E. R. João S. Ávila (com bordão) ao chegar ao Cais do Pico em 12/8/950

daram pela primeira vez, estes embarcaram na companhia doutro escoteiro e do Chefe do Grupo, no "Isabel„, com destino à Ilha do Pico.

Cais do Pico

Os escoteiros partiram para Angra do Heroísmo, pouco depois das zero horas de sábado, 12 de Agosto, chegando ao Cais do Pico pelas 9 horas da manhã, onde eram aguardados pelo seu delegado, o Sr. Manuel Emílio Herz, assim como por várias pessoas amigas e da família do Chefe do Grupo.

Depois de cumpridas várias formalidades, o Chefe, Sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva, acompanhado dos guias de patrulha E. R. Ramiro Alves e E. R. João Soares de Avila, seguiram para os arredores do Cais do Pico, com o Sr. Herz, onde foram escolher local próprio para acampar. Depois de armadas as barracas e instalados os respectivos serviços, ficou finalmente estabelecido o acampamento em terreno pertencente ao solícito delegado do 52. Chegou, finalmente, a noite e a altura de descansar, mas, mau grado a noite anterior passada no mar e as diversas actividades do dia, à maioria dos rapazes (que pouco mais eram que "pata-tenras„), não foi possível conciliar o sono...

No dia seguinte, Domingo, depois de içadas as bandeiras nacional e do grupo, cumpridos os deveres religiosos, e outros, os escoteiros deram vários passeios pelos arredores.

Durante todo o dia de Domingo e até mesmo depois das 23 horas, os visitantes acorreram em grande número ao acampamento, constituindo uma verdadeira romaria e manifestaram o maior interesse e curiosidade por tudo quanto viram. Foi tal a concorrência que não se conseguiu realizar um fogo de conselho em forma.

Nessa noite dormiu-se pouco, especialmente por se terem estabelecido turnos, depois dumas ocorrências "misteriosas„ que alguns dos mais novos, — com maior poder de imaginação, — julgaram ter divisado, próximo do acampamento, depois das 22 horas...

À Conquista da Montanha

Na segunda-feira, foi preciso deixar-se as caminhas pelas 5 horas da manhã, para se ter tempo de levantar o acampamento e seguir na camioneta das 7 horas até à Vila da Madalena, situada a uns 20 quilómetros de distância, onde foi resolvido que os rapazes partissem para a sua ascensão ao Pico. Depois dumas pequenas voltas pela Vila e de uma refeição ligeira, os rapazes seguiram com o respectivo guia, Sr. Manuel Pereira da Rosa (Bica), de S. Miguel Arcanjo, (pessoa proficientíssima no conhecimento do mato e dos campos), até ao fim da estrada da Madalena, a uns 8 quilómetros de distância, onde descansaram algum tempo. Durante o período que ali se demoraram, muitos dos rapazes tiveram ocasião de fazer várias boas acções, auxiliando alguns lavradores a segurar diversas cabeças de gado bovino que se estava sujeitando a uma desinfecção...

Por volta do meio-dia, a pequena caravana pôs-se em andamento. Transposta a primeira etapa da ascensão, em que foi apreciada a variedade da paisagem, à medida que subia a encosta, e durante a qual se passaram os pastos e baldios que constituem a falda da montanha, chegaram os escoteiros, logo depois das 16 horas, à Furna, onde pernoitaram, já a uma altitude muito razoável—a 1.410 metros! Dali os rapazes admiraram um glorioso pôr de sol, e assistiram à chegada de dois outros grupos de excursionistas, que por acaso tinham escolhido aquele dia para subir o Pico e como eles iam fazer a ascensão da Montanha.

Os excursionistas, recém-chegados, acenderam muitas fogueiras na encosta do Pico (o que é da praxe fazer-se), produzindo um lindo efeito, à noite.

Os nossos rapazes deitaram-se relativamente cedo e, pelas duas da madrugada, todos se trataram de levantar, por indicação do guia (para chegarmos a tempo de assistir ao nascer do sol, de cima do Pico), e uns 20 minutos depois iniciava-se a ascensão da Montanha, o que constituiu na realidade uma prova assás dura. Era uma noite sem lua, relativamente escura, embora se divisassem muitas estrelas no firmamento. Sem os focos, não se via onde se punham os pés. Tratava se duma autêntica aventura, em que se caminhava confiadamente para o desconhecido (mas tínhamos um bom guia), lutando com as irregularidades do terreno. Olhando-se para cima, pelas vertentes inclinadíssimas, de princípio nada se via, mas, à medida que a madrugada se aproximava, ia-se divisando muito confusamente a silhueta da montanha... Em dado momento, chegados ao que parecia o final da subida, numa curva, logo se viu nova elevação, muito semelhante à anterior. Isso sucedeu por várias vezes, e, no entretanto, cada vez se subia mais, cada minuto que passava nos fazia aproximar cada vez mais do nosso objectivo.

Finalmente, depois de diversos e curtos períodos de descanso, eram 5 horas da madrugada quando os excursionistas chegaram ao cimo do chamado Picò Grande, onde existe um pequeno planalto. Dali desceram a uma profunda e extensa caldeira, em cuja extremidade nordeste se encontra o Pico Pequeno—o Pico do Pico—, com precisamente 100 metros de altura, que representa a última etapa da subida da montanha. A subida do Pico Pequeno, de per si, constituiu uma autêntica prova de alpinismo, pois põe em jogo todos os recursos de quem procede à sua escalada, tendo em geral de se fazer uso de pés e mãos, e tem momentos realmente emocionantes!

Chegados ao cimo do Pico do Pico (2.352 metros), os rapazes arvoraram a bandeira do 52, pelas seis horas da manhã, e em seguida quedaram-se em silenciosa admiração perante a imponência do panorama a seus pés, que é duma grandiosidade tal e de uma tão ele-



Uma interessante silhueta dum escoteiro do 52 em cima do Pico do Pico

vada beleza selvagem, que não existem adjectivos que o possam descrever com verdade. São desses espectáculos que nos subjugam os sentidos, e perante os quais nos curvamos em reverente admiração, julgando-nos transportados a um mundo diferente,—nas regiões etéreas,—mais limpo, mais distante, e de fabulosa origem...

O nascer do sol,—um globo vermelho e alaranjado, desprendendo-se dum alvo leito de nuvens, que mais parece um cenário artificial, feito de algodão em rama,—é dum efeito tão fantástico que nos

dá a sensação, embora momentânea, de sermos seres privilegiados e superiores, vivendo como que suspensos num mundo aparte...

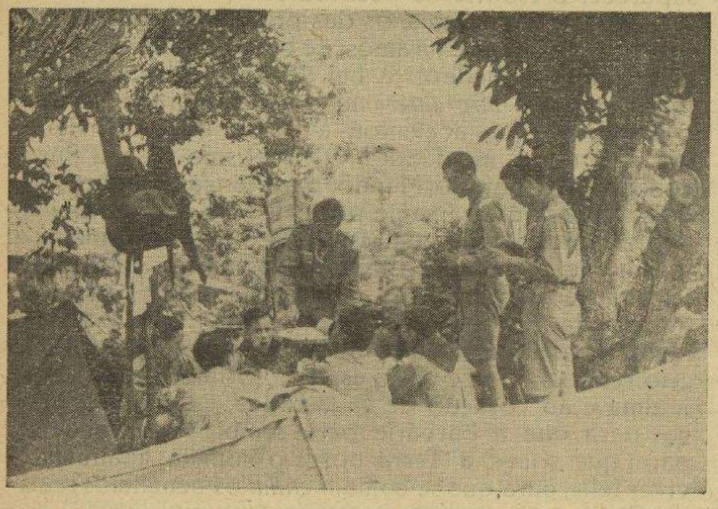
À medida que o sol vai subindo, a projecção da sombra do Pico sobre as águas do canal e depois sobre a própria Ilha de S. Jorge, constitui outro motivo de admiração para os rapazes que se encontram no cimo do Pico, também os jactos de vapor que saem de várias fendas, especialmente do lado norte da Ponta do Pico, muito contribuem para acentuar o fantástico do panorama.

Em resumo: O panorama do Pico do Pico, — donde se sente a impressão, voltando à realidade, que deve ter um passageiro a bordo dum avião,—é um espectáculo daqueles que não mais esquecem, e que perduram em nossa mente, como grata recordação, durante toda a vida. Ao contemplarmos, lá de cima, toda a fantástica beleza que a natureza espalhou à nossa volta, sentimo-nos plenamente compensados por todos os esforços, por todas as energias dispendidas com a rija prova que constitui a escalada da montanha. Mais, — sentimo-nos, com razão, orgulhosos com essa prova de valentia e virilidade que nos permitiu conquistar as alturas...

Após a permanência de cerca duns 40 minutos em cima do Pico, iniciou-se a viagem de regresso, descendo o Pico Pequeno. Na descida, os rapazes tiveram oportunidade de apreciar melhor a beleza selvática das paredes e do fundo da caldeira, que muito se assemelhavam a alguns desses panoramas grandiosos que servem de fundo aos filmes americanos do "Far-West„.

Após a recolha dalgumas pedrinhas no fundo da caldeira, como recordação do Pico, os excursionistas subiram ao lado sul da caldeira, e ei-los de novo em cima do Pico Grande. A descida foi iniciada pelas 7,45 e durou cerca de duas horas até à Furna, sendo bastante movimentada e repleta de pequenas peripécias, especialmente devidas às dificuldades do terreno.

Depois da indispensável demora de recolher o equipamento mais pesado que tínhamos deixado na Furna, continuou-se a descida



Distribuindo uma refeição no acampamento do Grupo 52 — Cais do Pico

até à Madalena. Chegou-se ao princípio da estrada com 1 hora e 40 minutos de viagem. Muito calor! Como isso não fizera parte dos planos originais, não se tinha contratado automóvel, e, estando-se na contingência de se prolongar a demora ali até ao pouco provável aparecimento de um, foi resolvido empreender o "sacrifício„ da *tirada* final de mais oito quilómetros, até à Vila da Madalena, onde a rapaziada chegou pelas 14,30. Foi a única parte da viagem ao Pico que não deixou saudades algumas...

Chegados à Madalena, descansaram os excursionistas um pouco e tomaram um pequeno lanche, enquanto aguardavam a camioneta que os conduziu ao Cais do Pico, onde então "atacaram„ uma refeição substancial...

Como a rapaziada chegou muito maçada, e se contava partir para a Terceira na noite do dia seguinte, o Chefe dispensou os escoteiros de armarem o acampamento naquela tarde, tendo-se acantonado no rez-do-chão dum prédio do Sr. Manuel Emílio, para tal fim cedido.

Na noite da terça-feira ninguém sofreu de insónias... De cansados que estavam, alguns dos rapazes já dormiam antes da cabeça tocar na almofada ou naquilo que as suas vezes fazia... Houve alguns que se deitaram às 18,30, depois do jantar, e só acordaram às 8 horas da manhã seguinte, quando o Chefe os acordou...

Compasso de espera...

Na quarta-feira, 16 de Agosto, o Chefe proclamou dia livre. Houve ocasião para curtas excursões e para alguns rapazes se entregarem ao desporto da pesca.

Nessa noite não chegou o transporte que nos devia conduzir a Angra, o que só sucedeu dois dias depois, por motivos imprevistos.

Nesses dois dias que se passaram a mais no Cais do Pico, foram os escoteiros cumulados cada vez mais de gentilezas, principalmente por parte do seu delegado. O cafèzinho, já temperado e acompanhado de bolachas e biscoitos, que desde o primeiro dia o Sr. Herz ia pessoalmente levar aos rapazes (antes de fazerem o seu), transformou-se num símbolo da hospitalidade amiga que nos dispensou.

Entre as inúmeras atenções de que foram alvo os escoteiros, é também justo salientar a hospitalidade fraternal que lhes foi dispensada pelo Sr. Raul Vieira de Meneses e Esposa, de quem tiveram afectuosa despedida e a apreciada colaboração do Sr. Manuel Pereira da Rosa (Bica), nosso proficiente guia na ascensão ao Pico, que alegre e desinteressadamente nos acompanhou.

No último dia da nossa estadia no Cais do Pico, o Chefe do Grupo, cujo progenitor é natural da Vila, foi na companhia do E. R. Norberto Borba, em romagem de saudade, visitar vários pontos nos arredores, já seus conhecidos, aquando da sua última passagem pelo Cais, há uns 23 anos, especialmente o aprazível e pitoresco lugar denominado «A Fonte», situado a uma hora de caminho do Cais.

A Partida

Chegou finalmente a hora da partida. Os rapazes, embora ansiosos pelo regresso ao seio de suas famílias, e os mais velhos para retomarem as suas ocupações profissionais, já sentiam bastante pena de deixar aquela gente tão amiga e hospitaleira. Talvez não fosse descabido transcrever aqui a modesta quadra que o Chefe do Grupo escreveu no álbum duma gentil picoense, ao ser-lhe solicitado um autógrafo:

Pico, — Ilha hospitaleira, —
Terra d'altas tradições.
Tua gente prazenteira,
Prende-nos os corações!

A família do nosso delegado quis ainda que os rapazes embarcassem com o estômago refeito, para passarem melhor de viagem, diziam, e assim apresentaram uma ceia de peixe fresco, frito na ocasião, a que foi feita a devida honra.

Terminada a ceia, o Chefe Moniz Silva reuniu os rapazes na sala de jantar do Sr. M. Emílio, para uma despedida em forma, e para agradecer, em seu nome e no dos seus escoteiros, tudo que o nôsso Delegado e sua Família tinham feito por eles. Historiou os antecedentes que levaram à ida do 52 ao Pico, e salientou o papel importante que nisso teve o Sr. M. Emílio Herz, com a sua inconfundível boa vontade e acentuado espírito de colaboração, e terminou com um singelo mas sentido "Muito obrigado„.

O nosso delegado, visivelmente comovido, como aliás todos os que na sala se encontravam, alegou, modestamente, nada ter feito para merecer tais agradecimentos, e, depois de abraçar o Chefe (que lhe ofereceu um distintivo da A. E. P., como recordação), abraçou em seguida, um por um, todos os escoteiros ali presentes. Levantados "bravos„ pelo nosso delegado e sua família, pela Ilha do Pico, etc., foram os rapazes de abalada até ao ponto de embarque. Depois duma despedida afectuosa no Cais, onde se encontravam muitas pessoas, já conhecimentos feitos pelos escoteiros, embarcando os excursionistas no "S. João Bosco„. Eram 22,30. Muitos "Bravos„ pelo Pico, pela sua gente, etc., etc., e ei-los a caminho da Terceira onde chegaram pelas 8 horas, depois duma óptima viagem, em que toda a gente passou bem e quase todos os rapazes dormiam como justos...

Notas complementares

A excursão foi composta por nove escoteiros do 52: — O Chefe Moniz Silva, cinco Escoteiros Roteiristas: Ramiro Alves, João Soares de Ávila, Norberto Borba, José Goularte, Eliseu Bettencourt, e três Escoteiros Juniores: Linbergh Bettencourt, Guter Sousa e Leopoldino Tavares. Pena foi que vários outros elementos do Grupo, por motivo das suas ocupações profissionais, não tivessem podido acompanhar os seus camaradas, como aliás era seu desejo.

Como agregado à excursão, seguiu também o Dr. Artur Moniz Silva Júnior, irmão do Chefe do Grupo. Durante a viagem e especialmente nos últimos dias de permanência no Cais do Pico, o Dr. Moniz Silva, sempre de inalterável bom humor, acompanhou os rapazes nalgumas digressões e teve ocasião de prestar alguns bons serviços ao Grupo.

O transporte dos escoteiros foi feito em barcos da fábrica de Conservas Terceirense, pertencente ao Sr. Virgílio P. Lory, dedicado Chefe Regional da A. E. P., nos Açores, pessoa verdadeiramente interessada pelo Escotismo, e a quem o Movimento deve assinalados benefícios.

Angra do Heroísmo, Setembro de 1950.

LOBO CINZENTO

AMIGOS DO «SEMPRE PRONTO»

Casamento—No passado dia 8 de Julho realizou-se em Paço de Arcos o casamento da Sr.ª D. Maria Rosa com o Sr. Alexandrino Rebelo Rosado, nosso prezado assinante.

Aos noivos expressamos os desejos das maiores felicidades.

Nascimentos—O «*Sempre Pronto*» apresenta parabéns ao nosso estimado amigo Sr. Eng.º José Maria Nobre Santos e sua Esposa Sr.ª D. Irene Nobre Santos pelo, nascimento em 10 de Novembro de um bébé, um robusto rapaz, a quem desejamos as maiores felicidades.

● Pelo nascimento de sua primeira filha, encontram-se também de parabéns o nosso estimado assinante e antigo escoteiro Sr. João António Alves Boaventura e sua Esposa. Desejamos à sua engraçada pequenita as melhores venturas.

De luto—Pelo falecimento de sua saudosa Mãe, a Sr.ª D. Amélia Augusta Ribeiro Bastos Nunes, encontra-se de luto o nosso estimado amigo Sr. João Bastos Nunes, digno Director do semanário «*Ecos de Belém*», a quem o «*Sempre Pronto*» apresenta condolências sentidas.

O "POW-WOW„ DO VELHO LOBO

1.ª PALESTRA

Meus irmãos:

Sentai-vos aqui à minha beira, com as pernas estendidas e os pés bem junto da fogueira que crepita. Sabe bem, depois duma longa marcha, ou de um dia de trabalho, repousar um pouco o corpo e deixar o espírito livre para sonhar. Um arzinho frio lembra-nos que vem aí o Inverno; as folhas, amarelas, ou já tostadas, caem docemente da árvore-mãe, como que saudosas da ardência do sol de Verão, sob que se desenvolveram e brilharam, verão que elas jamais tornarão a ver. Caem para a terra que também é mãe. Ficarão para alí, como coisas inúteis, até que o vento as arrebate para sítios ínvios, ou a chuva as transforme, a pouco e pouco, em lama e, depois, em nova fonte de vida fazendo-as penetrar na terra e de novo subir às árvores sob a forma de seiva. Curioso destino, que lembra o Eterno Retorno de que falava Nietzsche...

O luar descai, o silêncio envolve-nos, as sentinelas, aconchegando as mantas ao corpo, passeiam para aquecer, perscrutando a noite e o mistério da floresta. As aves dormem. Apenas algum insecto tresnoitado ousa perturbar a majestade do silêncio com um leve frémito de asas ruflantes. Sòmente o som característico da lenha que crepita, tão familiar aos escoteiros e aos campistas, quebra o grande silêncio ambiente. De vez em quando ouve-se um «craque» mais intenso, salta uma chispa, qual estrela cadente em voo vertiginoso, e logo cai, cinza escura, espécie de mundo morto que se apagou.

Mais duas ou três achas empurradas para a pira central fazem, de repente, erguer-se a chama alta e viva, que ilumina, com cintilações fantásticas, quase diabólicas, os rostos de todos nós. A chama decresce, o silêncio pesa mais.

É então que eu, no meio desta serenidade augusta da Natureza, olhando o céu estrelado por cima de nós, o alfange recurvo da Lua a descair para o ocaso, a imobilidade das folhas que ainda restam às árvores, o silêncio majestoso que reina, melhor compreendo o pensamento desse homem de génio que foi Baden-Powell. É então, nessa hora grave em que a noite começa a pesar sobre os homens, que eu melhor penetro nos recessos mais íntimos do espírito do Chefe já caído, abrangendo de um só olhar essa obra, que educou já quatro gerações.

Por isso ergo a minha voz—voz débil nestes tempos torvos que vivemos—para vos falar do Escotismo, a vós, escoteiros. Muitos dele têm falado, mas poucos —oh! bem poucos...—o têm compreendido.

A uns seduziu-os a sua parte espectacular. E porque lhe não alcançaram o espírito, porque a este não eram permeáveis, ei-los a desviarem-no dos seus fins, transformando-o numa brincadeira de soldados, com clarins e tambores, bandeiras e marchas e desfiles aparatosos e brilhantes.

Outros supuseram que o dever do escoteiro seria ùnicamente servir o próximo nos momentos de perigo. E transformaram-no em associação de beneficência ou de socorros a náufragos, crentes de que, praticando a B. A., tudo estaria feito...

Uns há que, atraídos pela elegância do uniforme, neste vêem o único objectivo das suas ambições, sendo todo o resto nada perante tão elevado ideal: andar fardado.

Há ainda quem o suponha meio útil de aliciamento de jovens para facções políticas ou confissões religiosas, assim o transformando em elemento de discórdia e de cisão, quando o alvo de Baden-Powell era exactamente a união e o fraternal convívio entre os jovens.

Desde esse remoto ano de 1908, em que Londres viu pela primeira vez um grupo de *Boy Scouts*, até aos nossos dias, viveu o Mundo horas lancinantes que ainda não passaram. Quatro gerações desde então entraram na vida, e muitos dos seus componentes vestiram o uniforme de Escoteiro e viveram sob o signo da Flor de Lis. Mas quantos deles não pertenceram a qualquer dos sectores a que acima aludi!...

Os tempos de hoje encontram-se, de certo modo, nos antípodas dos de há 40 anos. Não foi impunemente que o Mundo foi varrido e devastado por dois cataclismos, qual deles o mais assolador. O tufão da última guerra parece ter varrido também, por sua vez, todos os grandes ideais de fraternidade e de amor que embalaram as primeiras gerações deste século. Há ainda escoteiros, é certo, mas parece que tende a desaparecer o *espírito* do Escotismo.

Nós, os velhos, nós, os das primeiras horas de esperança, nós os que jurámos, de braço estendido e voz bem sonora, «obedecer à Lei do Escoteiro», nós não podemos, nós *não queremos* deixar murchar a flor desse Ideal, que acalentou a nossa adolescência e guiou a nossa mocidade! O Escotismo nasceu para consolidar a paz no Mundo, para lançar no coração de cada jovem a semente prometedora de farta messe de fraternidade. O ideal escotista é dum egoísmo altruísta, passe o paradoxo: procura valorizar física, intelectual e moralmente o jovem para maior benefício da sociedade. Foi o desconhecimento ou o ódio a esse ideal que desencadeou as duas últimas guerras. É preciso ressuscitar esse velho espírito, fortalecê-lo, levá-lo à alma e ao coração de cada rapaz, de cada rapariga, para que a barbárie para sempre seja vencida, para que sobre a Terra possa o homem, finalmente, viver feliz, para que se colham *enfim* os benefícios reais da Civilização.

Meus rapazes: A fogueira extingue-se, como que soluçante, deixando, de vez em quando, brilhar um rubi mais vivo, que logo se apaga. A noite cerrou-se mais. A Lua desapareceu. Já se levantou a névoa que tudo cobre com um manto branco de algodão a esfiar-se por entre os ramos das árvores. Há fantasmagorias macabras na floresta. Ouve-se a voz muda da Natureza adormecida. Recolhamo-nos. Demais vos falei já. Mandemos um pensamento de gratidão ao grande Chefe que dorme há dez anos em Nairobi e meditemos na sua Lei, a Lei que todos jurámos cumprir, o mais belo dos Decálogos depois do do Sinai.

O Velho Lobo Negro do Norte
E. C. D.

"SEMPRE PRONTO„

A interessante revista «Alerta!», órgão da União dos Escoteiros do Brasil, distinguiu-nos com a transcrição no seu número de Setembro da entrevista que o Secretário das Relações Internacionais da A. E. P., Sr. Eng.º Nobre Santos, concedeu ao «*Sempre Pronto*» e foi publicada no nosso número de Julho; e do artigo «Vamos Acampar», do nosso colaborador Sr. François Baradez. No seu número de Outubro honrou-nos com a transcrição do nosso editorial de Junho, «A Conquista da felicidade pelo Escotismo». Agradecemos.

A MASCOTE

Demos conta da sua presença à hora do almoço. Uns vinte metros afastados, meio escondido atrás de um rugoso tronco de pinheiro, estava um cão. Sentado, com o focinho baixo, mirava os nossos preparativos. Sem dúvida, aquele cão tinha fome. Chamámo-lo por todos os nomes e formas que nos ocorreram, estendendo-lhe bocados de pão, mas o animal com os olhos avermelhados fixos em nós e as orelhas levantadas, não se movia do seu ponto de observação.

Ele espicaçou, porém, o nosso amor próprio de escoteiros. Tínhamos a ufania de amar os animais e não nos entrava na cabeça que um deles, e muito menos um cão, nos temesse, porque era evidente que ele nos receava.

Em patrulha estudou-se o assunto e todos ficámos de acordo em que tínhamos de fazer ver ao cão que éramos seus amigos. Mas como? Isso era difícil, mas de um ou de outro modo tínhamos de conseguí-lo.

Reservámos comida e, depois de mil expedientes, quando já o Sol se escondia atrás dos cumes das montanhas, o cão encontrava-se por fim entre nós, comendo o que lhe dávamos e deixando acariciar o seu pêlo áspero.

Não obstante, o animal estava receoso e não mostrava qualquer sinal de alegria. O rabo, esse rabo tão expressivo de todos os cães, permanecia caído e imóvel.

Traver propôs que o levássemos e fosse adoptado pela patrulha. Chamá-lo-íamos «Bari» e seria a nossa mascote. Decidiu-se fazer assim. Tratava-se de um lobo da alsácia e, com um pouco de imaginação, podíamos tomá-lo como um chacal, o totem da nossa patrulha.

Trazia um bocado de corda amarrada ao pescoço e só tivemos de pegar na ponta para «Bari» nos seguir dòcilmente até à cidade. Deixámo-lo na nossa sede e cada dia um de nós estava encarregado de lhe ir levar a comida e «Bari», tornado mascote da patrulha Chacal, viveu entre nós quatro meses.

* * *

Durante todo esse tempo, «Bari» acompanhou-nos em todas as excursões, sendo muito bem tratado por nós. Seu estado físico melhorou consideràvelmente e as suas costelas tornaram-se menos visíveis. Cada vez andava com mais facilidade e todos seguíamos os seus progressos com carinhoso interesse, porque quando «Bari» se deixou trazer por nós, o seu deplorável aspecto nos apertava o coração.

Sem ser um cão de boa raça, «Bari» podia ser um cão de boa aparência. Mas a vida havia sido pouco amável para com este amigo do homem e «Bari», em plena juventude, era um animal quase inútil. Não havia dúvida nenhuma que a nossa mascote, até nos ter encontrado, não tinha tido mais espaço vital para mover-se que o que lhe permitia a curta corda grossa amarrada ao seu pescoço. Desta maneira, «Bari» viu-se forçado a viver deitado ou sentado, quase constantemente, nessa época do seu desenvolvimento e crescimento, em que todo o organismo pede liberdade e exercício e em que o sangue quente, circulando activamente pelas veias, lhe exigia imperativamente o correr, mas o correr alegremente pelos verdes campos, até cair cansado e satisfeito, com a língua de fora, à sombra de qualquer arbusto, para voltar, pouco depois, a encetar as suas imaginárias caçadas.

O cativeiro tinha atrofiado os músculos de «Bari». As suas pernas traseiras estavam encolhidas e incapazes de se esticarem, a impulsionar o corpo na correria ou em ágeis saltos. Assim, quando «Bari» se punha de pé, o lombo conservava um arqueamento revelador da ancilose de que sofria o cão. E todo o pêlo dos seus quartos traseiros estava morto, sem brilho, em montículos lanosos e pálidos.

Porém, muito pior que o atrofiamento físico, era o seu abatimento moral, a sua indiferença por tudo. «Bari» tinha perdido a sua capacidade de amar a vida e, sobretudo, os homens. Os longos dias de cativeiro haviam-lhe dado uma filosofia terrìvelmente fatalista, que tinha anulado a sua fé em tudo. Estou convencido de que «Bari» temia o homem de tal maneira que nada seria capaz de lhe fazer mudar esse sentimento. A sua vida tinha sido tão amarga, tão constrangida pela corda que o amarrou, que no seu pequeno coração não cabia nem o amor nem o ódio; só albergava o temor, o medo...

Jamais vimos rir a nossa mascote, nem mover o rabo alegremente. Jamais, nem até quando a forçávamos a tomar parte nos nossos jogos, saiu do seu peito um latido de satisfação. «Bari» conviveu connosco, tolerou-nos, é possível que também agradecesse o nosso carinho, porém foi incapaz de nos dar o seu afecto.

Tal como nos apareceu, se foi para sempre. Íamos todos em autocarro a caminho do acampamento de verão e «Bari», dentro do carro, estava mais inquieto que normalmente. Decerto, o encerro, o forçado contacto com todos nós num plano mais íntimo que quando estava na sede ou ia numa excursão com a patrulha, acordou no seu coração recordações desagradáveis. Um furo numa câmara de ar obrigou-nos a parar e descer para a estrada. Quando se viu no chão, «Bari», que não estava preso, pôs-se a correr pelo campo fora sem olhar para trás e sem fazer caso das nossas imperativas chamadas.

E nunca mais voltámos a ver aquele cão que tinha perdido a capacidade de amar por causa do trato cruel do homem, esse ser que os fiéis cães consideram superior e que, às vezes, é pior que as feras.

ENRIQUE GENOVÉS
«OJO DE LINCE»

O ESCOTISMO NA CAPITAL

Comemorações do 1.º de Dezembro

A Região Centro prestou homenagem aos Heróis da Restauração depondo no dia 1.º de Dezembro um ramo de flores no Monumento dos Restauradores.

As delegações dos Grupos da capital concentraram-se às 9 horas da manhã no Parque Eduardo VII, inauguraram a sede do «2», visitaram o courado inglês «Vanguard», e desfilaram até ao monumento sob o comando do Escoteiro-Chefe Regional.

38.º Aniversário do Grupo n.º 2

Após a concentração no Parque Eduardo VII, os Grupos dirigiram-se à sede do Grupo n.º 2, na Rua Almeida Brandão, 6, onde, em comemoração do 38.º Aniversário deste Grupo, se procedeu à inauguração oficial da sua nova sede.

Sabemos que os escoteiros do «2» se têm esmerado na apresentação da sua sede, que ficará sendo uma das melhores de Lisboa.

No dia 2, à noite, na sua sede, foi servido um chá aos escoteiros, suas famílias e amigos do Grupo.

17.º Aniversário do Grupo 53

Também no dia 1.º de Dezembro este Grupo comemorou o seu 17.º Aniversário. De manhã, às 11 horas, no Templo da Igreja Lusitana de S. Paulo, onde o «53» tem a sua sede, efectuou-se um culto de Acção de Graças. À tarde, às 16 horas, no salão de festas da sua sede, realizou-se uma sessão solene.

No Domingo, dia 3, às 13 horas, os escoteiros ofereceram um almoço a 25 crianças pobres.

Nos dias 5, 6 e 8, também na sua sede, disputou-se um torneio de ténis de mesa intergrupos de escoteiros.

Do Domingo 10, às 10 horas, no ginásio da A. C. M. efectuar-se-á um encontro de voleibol com o Grupo n.º 1.

Às 16 horas, de novo na sua sede, as comemorações serão encerradas com um chá de confraternização.

No próximo número esperamos dar notícia mais pormenorizada das comemorações.

A chave do espírito do Escotismo é a vigorosa vida ao ar livre.

A visita dos Escoteiros Franceses a Portugal

Conforme demos a conhecer aos nossos leitores, em fins de Junho e primeiros dias de Agosto estiveram de visita a Portugal sete escoteiros franceses do Clan de l'Arc *de Paris, dos* Éclaireurs de France.

Temos agora oportunidade de publicar algumas impressões de viagem desses nossos visitantes, que se declaram satisfeitos com a nossa gente e com a nossa terra. — Oiçamo-los:

«De volta a Paris, depois de uma curta visita a Madrid e Toledo e ainda sob a magia da nossa viagem, procurámos reunir-nos e juntar todas as recordações que se encontravam esparsas nos nossos espíritos.

A nossa viagem, bem ao contrário dos nossos desejos, foi demasiado rápida para nos permitir uma ideia nítida de Portugal e tivemos de nos limitar a percorrer a costa atlântica do Porto a Lisboa, eliminando toda a outra parte do país.

O que mais nos impressionou durante a estadia na península, foi o acolhimento caloroso que nos foi reservado na qualidade de escoteiros franceses e a actividade desbordante que reina em todo o país.

Não sabemos exprimir quanto ficámos sensibilizados quando, na tarde da nossa chegada, ao jantarmos num restaurante do Porto, um português que havíamos convidado para a nossa mesa, se levantou e brindou pela França, gesto secundado por todos os assistentes. E podemos citar ainda o acolhimento tão cordial da Cruz Vermelha Portuguesa e da Legião, que nos facilitaram muitas diligências e prestaram grandes serviços durante a nossa tão curta estadia na cidade dos vinhos do Porto.

Em Leiria, o nosso primeiro contacto foi dos mais frutuosos. O Chefe do Grupo, Tenente Carlos Ferreira Cascais Eusébio, mostrou-nos com orgulho bem legítimo, um Grupo em pleno desenvolvimento e reservou-nos uma recepção digna das melhores tradições da hospitalidade portuguesa.

Na Batalha, depois de um serão com os jovens estudantes de Coimbra, acampámos num bosque que desce até próximo do importante mosteiro. De manhãzinha, partimos para Alcobaça, de uma sobriedade e de um equilíbrio notáveis, Nazaré com os seus pitorescos pescadores e, enfim, a capital, Lisboa e os seus arredores encantadores, Estoril e Sintra.

Apesar das fadigas que esta volta necessàriamente nos impunha, procurámos aproveitar o melhor possível o tempo que nos restava para passar em Lisboa, alternando agradàvelmente as nossa digressões turísticas com os contactos escotistas.

Durante a nossa estadia em Lisboa ficámos albergados na sede da Associação dos Escoteiros de Portugal, graças à gentileza dos membros associativos que espontâneamente se prestaram a receber-nos e a guiar-nos.

Fogo de conselho perto de Lisboa, conversações interessantes com os Chefes dinâmicos da Associação, visita ao famoso mosteiro dos Jerónimos, obra-prima da Arte Manuelina, e tantas outras maravilhas, impressão bem vincada dum povo que prossegue com entusiasmo a sua evolução industrial e social, tudo isto que contribui para estreitar ainda mais os laços de amizade já tão sólidos que existem entre os dois países, tomados das mesmas dificuldades e tão vizinhos no seu espírito e nas suas aspirações.

E nós deixámos esses lugares hospitaleiros, de que conservaremos recordações indestrutíveis, desejando receber bem depressa todos esses jovens portugueses que conhecem já tão bem a nossa língua e que anelam visitar o nosso país».

ÉCLAIREURS DE FRANCE
CLAN DE L'ARC
PARIS

IMPRENSA

«SEMEADOR BAPTISTA»

Com a publicação em Novembro de um número duplo, 330 e 331, entrou no 25.º ano de publicação este nosso prezado colega de Leiria, motivo porque felicitamos o seu Director, Sr. Dr. António Maurício, expressando os nossos votos de contínuas prosperidades.

«AR LIVRE»

Com este título saiu recentemente uma revista mensal de Campismo, Desporto e Cultura, suplemento da revista "Natura„ e sob a direcção do Sr. Napoleão Gonçalves, tendo como redactores os Srs. Chaves Mendes e Augusto Guimarães.

À nova revista, que se apresenta com colaboração interessante e agradável aspecto gráfico, expressamos os nossos votos de êxito e longa vida.

ENTRONCAMENTO

GRUPO N.º 84

Comemorações do XXII Aniversário

—Em comemoração do aniversário do Grupo, realizaram-se uma festa na sede, um fogo de conselho no campo, a que assistiram os escoteiros e suas famílias.

A cerimónia na sede revestiu-se de grande simplicidade; prestaram compromisso de honra os aspirantes Joaquim Henriques e Luís Filipe Ferreira Durão e foi colocada na bandeira do Grupo a 22.ª estrela.

No fogo de conselho, o nosso Grupo fez-se ouvir em canções escotistas e recitativos.—C.

O Escotismo Sénior português apreciado por seniores franceses

A situação do escotismo sénior português mantém-se na mesma. Os dirigentes superiores do Movimento parecem hesitar em resolver o problema. A que atribuir essa indiferença? Satisfação com o que existe? Desconhecimento das características do movimento Sénior? Incapacidade para resolver a dificuldade? Falta de dirigentes? — Não sabemos. O que é facto é que os escoteiros seniores continuam entretidos com as actividades juniores, prejudicando estas e prejudicando-se a si próprios. Nós não sabemos o que mais dizer sobre o caso, sem repetirmos o que constantemente temos afirmado. Damos por isso a palavra a uns «routiers» (seniores) franceses que nos visitaram e tiveram um pequeno contacto com os seniores portugueses. Diziam eles: — *O movimento sénior quase não existe e é muito «escoteirizado». (Até insígnias de aptidão nas mangas...).*

Ora aqui está como as insígnias de aptidão júnior que os nossos escoteiros seniores ostentam orgulhosos nas suas mangas, convencidos de que fizeram uma grande conquista, impressionam tão desagradàvelmente os escoteiros que nos visitam.

É que as provas de aptidão são destinadas a escoteiros juniores, e preparadas de harmonia com a sua idade. Para um Sénior essas provas são facílimas e é apenas ridículo o uso das respectivas insígnias.

O escoteiro sénior é um jovem em pleno vigor da vida, com capacidades físicas e mentais em pujança e, portanto, deve procurar especializar-se em qualquer ofício intelectual ou manual, mas fazê-lo em profundidade, habilitando-se devidamente, desenvolvendo as suas aptidões ao máximo.

Quando será que veremos os nossos escoteiros seniores fazendo vida de campo dura e aventurosa, treinando-se corajosamente na vida, especializando-se em artes ou ciências com vigor, de forma a não parecerem aos nossos visitantes «muito escoteirizados», sabendo-se que eles dão ao termo escoteiro o sentido do que nós chamamos «júnior».

E. R.

Edmundo Santos Matos

Este nosso amigo escreve-nos de Lourenço Marques, onde fixou residência, pedindo-nos para apresentar saudações suas a todos os velhos camaradas escoteiros, agradecendo por nosso intermédio a todos que lhe manifestaram simpatia por ocasião da sua partida para aquela província ultramarina.

AS FINANÇAS DE UM GRUPO

Parece necessário afirmar, uma vez mais, que a finalidade de um Grupo de escoteiros é proporcionar aos rapazes, seus membros, constantes oportunidades de conquistar experiência, num trabalho educativo, de onde serão excluídas todas as coisas que possam prejudicar a Educação.

Claro que para atingir esse objectivo, o Grupo necessita de meios de acção, pelos quais possa realizar a sua actividade, mas é preciso ter o cuidado de evitar que a obtenção desses meios se faça de forma a resultar prejuízo para a finalidade educativa do Escotismo, porque então preferível é a não existência do Grupo que atraiçoa o espírito do Movimento.

Acontece, por exemplo, que para a obtenção de fundos alguns Grupos de Escoteiros lançam mão de métodos absolutamente condenados por perniciosos à educação. Trata-se das «rifas» e dos «sorteios». O processo é fácil: uns papelinhos com uns números e aquele que corresponda ao primeiro prémio de uma lotaria dará direito a qualquer coisa. Ora isto é pura e simplesmente um condenável «jogo de azar», um dos males do nosso tempo, de cujo perigo devemos procurar prevenir os escoteiros.

Habituá-los a lançar mão do jogo para resolver as dificuldades financeiras é sistema péssimo, que os regulamentos de muitas associações escotistas proíbem, e todas deviam proibir, e que o bom critério dos Dirigentes devia sempre excluir.

O Escoteiro deve procurar ter iniciativas próprias, sem se reduzir a imitar aquilo que noutros sectores se possa fazer. Os Grupos necessitam de fundos, pois bem, procuremos angariá-los de forma a que essa mesma actividade seja útil à educação do rapaz. Habituemos o escoteiro a ter hábitos de trabalho e a ganhar pelo seu próprio esforço os recursos financeiros de que carece.

Baden-Powell dá-nos diversos conselhos, que a nossa imaginação ampliará e desenvolverá. Fala-nos ele nos espectáculos, mas espectáculos preparados pelos próprios rapazes, forma esplêndida de reunir fundos e, ao mesmo tempo, efectuar uma actividade de grande valor cultural e educativo.

Outro conselho do Fundador é a construção de utensílios de madeira, folha e ferro, especialmente utensílios domésticos: bancos, saleiros, prateleiras, armários, etc., ou brinquedos. Esta é outra actividade de valor educativo incontestável e a que todos os Grupos se devem dedicar intensamente, habituando o rapaz a sentir o prazer de criar, de produzir, ensinando-o a utilizar as mãos e a honrar o trabalho.

Mas há outros processos de conseguir dinheiro. Os ingleses têm agora a semana dos trabalhos por um xelim. Durante aquela semana os escoteiros realizam os mais diversos serviços a particulares por um «xelim» e angariam assim fundos para a sua actividade.

Os Grupos deverão servir-se da sua imaginação para conseguirem métodos singulares para a obtenção de recursos financeiros, todos ao serviço da educação, forjando caracteres viris, capazes de lutar com o seu esforço, com o seu trabalho, para conseguir com honra os fundos para o seu Grupo e mais tarde para a sua casa.

LOBO VELHO

No Centenário de Guerra Junqueiro

Neste artigo publicado no último número poisou uma *gralha* que necessita de ser corrigida. No primeiro parágrafo da segunda parte, penúltima linha, onde se lê *mediocridade inteligente*, deve ler-se *mediocridade ininteligente*.

Que o nosso estimado colaborador Sr. António Álvaro Dória e os nossos prezados leitores nos desculpem.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Fogo de Conselho no Acampamento Nacional

O Escoteiro-Chefe Regional do Norte teve a gentileza de nos informar que os números exibidos no Fogo de Conselho do Acampamento Nacional pelos escoteiros daquela Região foram:

"O Regadinho", de S. Mamede de Infesta, Porto, em 1893;
"Oh! Adro...", de todo o Douro Litoral, em 1893 e
"A Moreninha", do Porto, em 1872;

com música, letras e marcações tradicionais do folclore regional do Douro-Litoral, cuja preparação artística foi executada pelo «Rancho do Douro-Litoral», agremiação regionalista que funciona sob os auspícios da Junta da Província.

Informa-nos ainda que só a insuficiência de fundos forçou a que as referidas danças não fossem desempenhadas com guarda-roupa característico.

NOTÍCIAS DO 60

Vila Real de Santo António

O efectivo do Grupo acha-se de novo dividido em 2 patrulhas, a "Águia" e a "Lobo", cujos componentes, entusiasmados com o que viram e aprenderam no Acampamento Nacional de 1950, vão procurar elevá-las ao nível anteriormente alcançado.

Prestaram compromisso de honra os aspirantes Augusto de Melo Correia e Fernando de Sousa. O primeiro ingressou na Patrulha "Lobo" e o segundo teve de ausentar-se para Sintra por motivos profissionais.

● Tivemos o prazer de cumprimentar nesta Vila a ex-chefe de Secção da D. A. F. local D. Elizabete Mendes Monteiro, Esposa do nosso estimado amigo e antigo Chefe do 60 Sr. Manuel Tacão Monteiro, e a ex-chefe da Equipa da D. A. F. local, menina Bernardete Solá da Cruz, que se encontrava em França.—C.

INTERCÂMBIO ESCOTISTA POR CORRESPONDÊNCIA

Espanha—Pedro José Ynaraja Diaz—Estacion RENFE — Vich —Barcelona—Deseja correspondente em português ou em espanhol.

Brasil—Walter H. Rüdiger—Caixa Postal 486—Porto Alegre—Chefe da U. E. B., com 22 anos de idade, deseja permutar publicações, livros, fotografias, material técnico e intercâmbio de ideias sobre Escotismo. Pode receber cartas em português, espanhol, francês e alemão e escrever nas mesmas, excepto em espanhol.

Portugal—João Belo Ribeiro—Rua Cesário Verde, n.º 6, D.— Lisboa—Deseja corresponder-se com um escoteiro sénior brasileiro.

O NOVO
Mobiloil
MELHOR DO QUE NUNCA!

O Novo Mobiloil apresenta agora a V. Ex.ª mais as seguintes superiores qualidades:

MAIOR RESISTÊNCIA À OXIDAÇÃO — quer dizer: maior resistência contra a formação de substâncias susceptíveis de produzir depósitos e corrosão.

MAIOR ACÇÃO DETERGENTE — A sua propriedade de lubrificar e limpar, mantendo dispersos os resíduos da combustão, é ainda maior do que a do anterior Mobiloil.

ELEVADO ÍNDICE DE VISCOSIDADE — quer dizer: menor variação da consistência com a temperatura, assegurando o revestimento eficaz das peças do motor.

Pela combinação destas características contribui o NOVO MOBILOIL para:

MELHORAR O RENDIMENTO DO MOTOR
PROLONGAR A VIDA DO MOTOR
ASSEGURAR A MÁXIMA ECONOMIA

Mobiloil
SOCONY-VACUUM
2273
SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

O «84», um grupo que é uma autêntica família

Você já foi ao Entroncamento?... — Não?... — Então vá!

Vale a pena ir ao Entroncamento e visitar o seu Grupo de Escoteiros, para se ficar, para sempre, com a satisfação de ter estado na presença dum Grupo que pertence à terra da sua existência e que tão bem sabe receber os seus visitantes.

Foi o que sucedeu com a nossa visita, feita com o objectivo de ouvir «in loco», para «*Sempre Pronto*», os simpáticos escoteiros do 84.

E, após inesquecíveis provas de amabilidade por parte do seu Chefe, Sr. João Amorim, fomos até à Sede.

Esta encontra-se instalada no edifício da Câmara Municipal, qual repartição pública a que destinaram as melhores instalações. O caso das instalações do «84» deve ser único.

Com uma grande sala de entrada, um gabinete de administracão e uma sala de ensaios da Banda...

Banda, sim senhor!... O 84 possui uma excelente banda de música composta por 23 executantes, dirigidos pelo ex-escoteiro Sr. António Amílcar Correia, por sinal, a única banda que existe no Entroncamento!

Mas voltemos à Sede.

Como já dissemos, instalada num local que até parece mentira... fomos lá encontrar os velhos camaradas do Acampamento Regional do Estoril de 1944, alguns dos componentes da «Patrulha da Ferrugem», quase todos conhecidos, e com quem passámos a noite a recordar... até que acabámos por dispor de uns escassos quinze minutos para fazer a entrevista e apanhar o comboio!

Mesmo assim, ouvimos ainda interessantes declarações da boca do Chefe Amorim.

—Não podemos deixar de registar que o 84 deve a sua existência ao Sr. José Duarte Coelho, Presidente da Câmara Municipal do Entroncamento, e seu cidadão honorário, pessoa que não nega esforços ao 84, onde é muito estimado.

E continuando:

—A ele se deve a Banda, desde que em 1943 o Grupo retomou a actividade, depois duma época difícil.

—E hoje, a situação é boa?

—Menos má. Temos 34 escoteiros, contando com os executantes da Banda e ainda 15 aspirantes.

—E actividades?

O nosso amigo Amorim, auxiliado pelo Horta, informa:

—Nada menos de: 41 reuniões com 441 presenças; 3 acampamentos de Grupo; presença no Acampamento Regional de Sintra; 2 passeios de campo e 1 bivaque. Alguns dos nossos Escoteiros visitaram também os Grupos algarvios de Olhão e Vila Real de Santo António e organizámos também uma excursão para escoteiros e famílias a Tomar e Castelo do Bode.

E ficámos encantados com tão belo programa, de certo o mais recheado de quantos conhecemos.

—E a Banda, Chefe Amorim?

—A Banda cá vai tocando... Os concertos não são dados com a frequência que todos nós, e a população, desejaríamos, uma vez que só após a preparação do programa ela faz a sua exibição, em geral, no jardim. Para isso, naquela sala, são dados 2 ensaios por semana e lições de música diárias.

—Quantos concertos já deram este ano?

—Apenas 2. No entanto, sempre que se torna necessário fazem-se saídas, em geral para receber personalidades que visitam o Entroncamento. Ainda em 4 de Julho, quando do Congresso Eucarístico, fizemos as honras da «casa». E além da Banda também temos um agrupamento musical denominado «Flor de Lis», constituído por 8 elementos...

—...e que é o terceiro, do género, no Distrito de Santarém—, apressa-se a esclarecer o seu Director, o Guia de Secção Luís Máximo de Oliveira...

Tudo isto foi dito a correr, mas ainda perguntámos:

—E o dinheiro por cá, está mais barato que em Lisboa?

Aníbal Horta esclarece:

—Disso temos pouco... e depois de comprarmos o material para os novos aspirantes, devemos ver o fundo ao cofre.

Apesar de não ser nenhuma esperança, ficou-nos a satisfção de saber que o 84 vai adquirir uma tenda de patrulha, material de cozinha e uniformes para quase todos os seus componentes. Que organizou um acampamento nos dias 18 a 21 de Agosto, na Asseiceira, no qual prestaram compromisso os Aspirantes. Que foi ao «Nacional» na máxima força e fazendo o máximo do barulho, pois levou o seu agrupamento musical Flor de Lis. Que pensa organizar no Entrocamento a Divisão Auxiliar Feminina.

* * *

No 84 havia tanta coisa mais para contar...

Infelizmente o comboio partia dentro de 5 minutos. Havíamos perdido muito tempo a recordar felizes momentos que passámos com os alegres escoteiros da «Ferrugem» e por isso só nos restou correr para a estação.

Assim fizemos, acompanhados pelo Chefe Amorim, pelo Sub-Chefe Horta e pelo Máximo que mesmo a correr ainda nos deram alguns esclarecimentos para esta entrevista.

Na sede, ficaram muitas confissões, como a do Manuel Ferreira Valério, o Guia da Patrulha Galo, do qual ainda soubemos que de há três anos organiza o raide Entroncamento-Estoril e volta.

Na estação, o comboio para Tomar esperou uns momentos (ou o Horta não fosse factor da C. P.) para que nos abraçássemos, com pena sincera de não podermos viver por mais umas horas no ambiente de simpatia e camaradagem que se respira no Grupo de Escoteiros do Entroncamento.

CARLOS FERNANDO GARCIA

• • o • •

Agentes-Correspondentes

NO FUNCHAL

Teve a gentileza de aceitar o encargo de representar o nosso jornal da Ilha da Madeira, como nosso Agente-Correspondente, o Sr. Francisco Soares Felgueiras, que foi Chefe do Grupo 24 do Funchal e Comissários Regional Adjundo.

O seu endereço é na Rua Nova da Alegria, 26-A, Funchal, onde os nossos assinantes da Madeira poderão tratar dos assuntos do "*Sempre Pronto*".

• • o • •

CROMOS DE BOAS FESTAS

Na redação do «*Sempre Pronto*» encontram-se à venda lindos cromos de Boas Festas, com motivos escotistas, editados por «The Boy Scouts Association».

Há diversos motivos e cromos para preços variados, desde 1$50 a 3$00.

Os pedidos devem ser feitos ao «*Sempre Pronto*», acrescendo pelo correio o porte.

O "SEMPRE PRONTO"

Vende-se em Lisboa na

Rua do Ouro, 124
Rua Nova do Almada, 46

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

ESPANHA

Em Agosto findo, um grupo de escoteiros seniores árabes, de Casablanca, pertencentes à Organização do Escotismo Marroquino Mussulmano, fez uma excursão pelo sul da Espanha, tendo visitado Madrid. O Grupo era chefiado por Mohamed Bensaide.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Do Grupo n.º 282 dos escoteiros marítimos dos Estados Unidos da América do Norte, com sede em Nova Iorque, recebeu a A. E. P. um pedido para enviar uma miniatura da bandeira da nossa Associação para, ligada a outras, constituir uma grande bandeira em que a presença de todos os países lembraria a Amizade Mundial.

Satisfeito o pedido desse Grupo, recebeu-se em 25 de Setembro passado uma carta em que, depois de agradecer, dizem:

«Esta bandeira de Amizade Mundial tem causado muito boa impressão aqui na América do Norte, e tem aparecido em fotos e artigos em muitos jornais e revistas locais. Apareceu também três vezes em programas de televisão e em breve aparecerá mais uma vez. É cada vez maior o interesse por esta ideia e esperamos que esta mensagem de amizade se transformará numa imensa bola de neve e ajudará todo o mundo a compreender que devemos todos ser amigos uns dos outros».

INGLATERRA

No princípio do passado mês de Agosto, realizou-se em Edinburg, na Escócia, a 2.ª Conferência Internacional de Lobitismo, em que o nosso país se não pôde fazer representar. Recebeu-se já o relatório oficial dessa Conferência que se está a traduzir, para se dar a conhecer aquilo que se julgue necessário e útil ao Movimento em Portugal.

Reunião em «Gilwell-Park»

● De 4 a 7 de Setembro, efectuou-se em «Gilwell-Park» uma reunião dos chefes dos campos-escolas dos ramos Escoteiro e Escoteiro-Sénior, tendo comparecido delegados de 14 nações, a saber: Irlanda, Grã-Bretanha, Paquistão, Nova-Rodésia, França, Holanda, Dinamarca, Bélgica, Suécia, Grécia, Austrália, Índia, Noruega e dos escoteiros arménios.

Os assuntos tratados foram: método de formação e plano dos cursos; aplicação prática do sistema da insígnia de madeira; estudo do método que devem tomar os cursos para chefes com a responsabilidade de rapazes de mais de 15 anos; e o carácter das relações internacionais dentro do quadro particular da preparação dos chefes.

Estas trocas de impressões permitirão à Repartição e à Conferência Internacionais de, com conhecimento dos problemas, tomar decisões em matéria de formação de chefes.

• • o • •

FRANÇOIS BARADEZ

Este nosso caro amigo e irmão-escoteiro, que representa o «*Sempre Pronto*» em Paris, esteve nos últimos três meses em Lisboa passando as suas férias e retirou em 26 de Outubro para aquela cidade, onde vai prosseguir os seus estudos, tendo tido a gentileza de nos visitar, apresentando-nos cumprimentos de despedida.

Agradecemos e expressamos os nossos votos de muitos êxitos nos seus estudos.